

**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## CORAJOSAS, MUSAS, AMAZONAS: UMA REVISÃO CRÍTICA SOBRE MULHERES NO HIPISMO

Vanessa Silva Pontes  
Erik Giuseppe Barbosa Pereira

### RESUMO

*Esta revisão crítica de literatura busca refletir, sob a ótica das dimensões socioantropológicas e das relações de gênero, a inserção e a permanência da mulher no hipismo, dando início a uma discussão centrada na construção social das feminilidades dentro de uma modalidade elitizada e pouco explorada pelo campo das práticas corporais.*

*PALAVRAS-CHAVE: Hipismo; Mulheres; Gênero.*

### INTRODUÇÃO

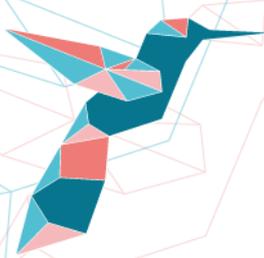
O presente estudo tem como objetivo refletir, sob a ótica das dimensões socioantropológicas, a inserção e permanência da mulher no contexto de um esporte dito de baixo esforço físico, mas de alto risco. Nessa esteira, as questões problema assim circunscrevem-se: como se deu a aproximação e a inserção da mulher no hipismo? Qual o atual quadro da mulher nos esportes hípicas? De que forma as relações de gênero estão inscritas nesse contexto?

O estado da arte revela que estudos de gênero no hipismo brasileiro tiveram início no Brasil no ano de 1999, com Miriam Adelman, sendo complementadas por Luiz Fernando Rojo em 2007. O primeiro trabalho científico desenvolvido por pesquisadores da Educação Física sobre o tema só foi realizado entre os anos de 2010 e 2011, por Ester Pereira, Carolina da Silva e Janice Mazo (PEREIRA, MAZO, 2010; PEREIRA, SILVA, MAZO, 2011). Logo, este estudo possui como intento dar início à aproximação da Educação Física com a arte equestre, principalmente no que tange os seus aspectos socioculturais.

### O CAVALO E AS MULHERES NA ANTIGUIDADE

Desde o surgimento dos primeiros agrupamentos humanos, as atuações masculinas e femininas, que ainda hoje permeiam nossa sociedade, estavam muito bem delineadas. Tanto nas civilizações orientais como nas ocidentais, as atuações delas giravam em torno da dádiva da maternidade e das lides domésticas (MIRAGAYA, 2007).

A arte de montar a cavalo, em grande parte dos povos Antigos, foi exclusiva dos homens. Das poucas referências às mulheres que montavam cavalos, as mais significativas

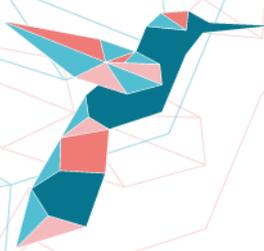


são as das guerreiras gregas “amazonas”. Desobedientes e desregradas, elas desafiaram as “leis naturais” que delimitavam suas atuações sociais e sexuais e transgrediram os valores femininos vigentes na Antiguidade ao dominar, subjugar e banir os homens de sua estrutura política e social. Andavam a cavalo com as pernas afastadas, algo totalmente inescrupuloso para as mulheres da época. Mitologicamente é descrita como apreciadora da cultura física, da solidão, da vida ao ar livre e do trato dos animais, possuidora de um estilo de vida alternativo ligado ao amor entre as mulheres (SOUZA, 2012). A elas se deve também o desenvolvimento da Ilha de Lésbos, local que, devido à forte expressão da homoafetividade feminina, deu origem ao termo “lesbianidade”. O emprego da palavra “amazona” hoje não mais remonta às práticas e concepções das fundadoras de Lésbos, mas designa meninas e mulheres que montam cavalos ou que praticam hipismo sendo, portanto, o feminino de “cavaleiro”.

Outro relato acerca das mulheres envolvidas com a arte equestre na Antiguidade nos transporta à mulher ateniense. Estas podiam participar indiretamente dos Jogos Olímpicos como proprietárias de cavalos e/ou quádrigas, o que requeria certa abundância. Sobre isso, vale ressaltar que a primeira mulher a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos e a ter seu nome escrito no rol de “heróis” Olímpicos foi a princesa espartana Kyniska, criadora dos cavalos de raça vencedores dos Jogos de 396 a.C. e 392 a.C. (MIRAGAYA, 2002, 2007). Faz-se importante mencionar que Kyniska nunca entrou nas provas em conjunto com seus animais: seus cavalos participavam das competições de bigas e quadrigas conduzidos por criados ou escravos de propriedade da princesa.

## O CAVALO-ATLETA

O hipismo é descrito por Pereira e Mazo (2010) como possuidor de dupla origem. Além de ter primórdios nas práticas militares já elucidadas, também encontra ascendência nas atividades praticadas nas horas de lazer da aristocracia europeia da Baixa Idade Média e Idade Moderna. Na Inglaterra, a caça à raposa foi uma atividade apreciada por homens e mulheres, na qual os cavalos precisavam saltar troncos, riachos, barrancos e outros obstáculos naturais encontrados pelas florestas em busca do pequeno mamífero. Grande desvantagem era imposta às caçadoras, que segundo Adelman (2006), eram obrigadas a montar com as duas pernas para o mesmo lado da sela. O desenvolvimento dessa atividade estimulou a criação das primeiras pistas com obstáculos exclusivamente para o aperfeiçoamento dos saltos, constituindo-se em



um legado para as modalidades Concurso Completo de Equitação – CCE e Saltos do hipismo (VIEIRA; FREITAS, 2007).

O hipismo atualmente é subdividido em oito modalidades, sendo três delas componentes do quadro Olímpico<sup>1</sup>, a saber, Saltos, Adestramento e Concurso Completo de Equitação, o hipismo diferencia-se dos demais esportes por ser o único em que homem e animal formam um conjunto. O esporte possui, como linha básica para a boa *performance*, a total interação entre o cavalo e o cavaleiro/a amazona. Muitos atletas, influenciados pelas escolas europeias, avaliam que o bom desempenho, na prova, depende, em medidas iguais, do bem estar, da qualidade técnica e da confiança mútua dos elementos do conjunto, em uma proporção de 50% para ambos.

Outra característica exclusiva do hipismo no contexto dos esportes Olímpicos é a ausência de categorias separadas por sexo, sendo o único em que formalmente homens e mulheres competem em formato de igualdade. Diferentemente de outros esportes, entende-se que a maior força física masculina não influencia no resultado do conjunto, o que explica essa peculiaridade do esporte. Esse elemento por si só mexe com a estrutura das competições, bem como com o emocional do desportista hípico. E percebendo que, ao falar de emoção no esporte, tangenciamos questões de gênero, avistamos nos equinos, percursos e obstáculos um potencial riquíssimo a se explorar sob o viés dessa problemática.

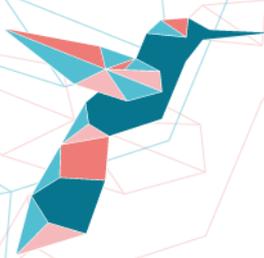
## CONCEITUANDO GÊNERO

Compreendemos gênero a partir dos escritos de Butler (2003), uma vez que este veio a desconstruir o par paradoxal gênero/sexo retirando do primeiro a ideia de que decorreria do segundo, bem como retirou do gênero o vínculo com o desejo. Para esta autora, o próprio “sexo” seria “tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (p.25).

Nessa mesma obra, Butler enfatiza o caráter construído do gênero, lançando o uso do termo performatividade como termo mais útil do que “construção”. O ato performativo seria, portanto, “propriedade da constituição do gênero e, mais tarde, do corpo e das normas” (p.185). Sua repetição sucessiva culminaria, em um dado momento, à alteração, ao

---

<sup>1</sup> Uma quarta, denominada especial, pertence ao quadro de modalidades Paralímpicas.



deslocamento do contexto original, e a constituição de um outro corpo com sua citação própria.

Nesse contexto, a noção de Butler que melhor se adéqua ao ambiente hípico seria a da citacionalidade (BUTLER, 2000; 2003), preceito discutido na performatividade de gênero e que é tido como uma das formas de se deslocar esta noção. Aquela, seria uma repetição de determinadas performances que, em determinado momento, transformam-se. Um exemplo disso seria o fato de que a grande maioria dos meninos gosta de futebol. Em determinado momento, dentro dessa repetição, um deles gostará de voleibol, quebrando a rotineira repetição de um aparato regulatório da heterossexualidade. Destarte, Butler se utiliza desse conceito originalmente pertencente a Derrida (1988) citado por Butler (2000) para desconstruir um modelo performativo fixo, afirmando que mesmo outras formas de feminilidade e masculinidade podem ser arquitetadas e, até mesmo, “parodiadas”. Este conceito se faz interessante uma vez que o ambiente hípico é recheado de processos repetitórios, regulatórios e hierárquicos entre suas modalidades.

Curado e Curado (2005) são autores que trazem à tona o conceito mitológico que associa o cavalo à sexualidade feminina, interligada a uma construção de gênero atualmente marcada pela performatividade, já que é ideologicamente tida pelos integrantes do ambiente hípico como não hierárquica, descentrada e desregulada. A lenda conta a história de jovem grega que foi presa por seu pai em uma cela quando este descobriu que ela havia perdido a virgindade. Lá ela deveria ficar, em companhia de um cavalo, até o dia de seu casamento, para que não mais desonrasse o nome da família. Esta era sua sentença, uma vez que a perda da virgindade antes do casamento nos tempos longínquos da Grécia era considerada crime. Algumas passagens da lei confirmam a pena a que fora submetida a jovem, tal como a que segue: “Para Calímaco (Call. Aet. frs. 94-95 Mair), o crime é o da perda da virgindade antes do casamento e o castigo é ser comida ou atacada por um cavalo; a pena do sedutor é a morte causada por cavalo” (CURADO, CURADO, 2005, p.1). As marcas desse lendário “crime” ainda hoje permanecem fortes no inconsciente de cavaleiros e amazonas.

Para os termos masculinidades e feminilidades, encontramos guarida em três clássicos que as definem como as diversas formas de ser homem ou ser mulher em determinada sociedade. Essas formas, vale destacar, estão imbricadas em relações de poder enaltecendo identidades “dominantes” e silenciando as “subalternas”. Sob essa égide, a “masculinidade hegemônica” descrita por Connell (1995), Sabo (2002) e Seffner (2003) refere-se àquela



predominante e dominante, a mais lisonjeada, idealizada e valorizada atuação social para o homem e, a “feminilidade enfatizada”, como aquela que concebe o ideal cultural mais celebrado para mulheres em dado momento histórico.

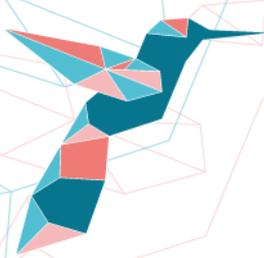
## DO LAR ÀS PISTAS, TRANSPONDO OBSTÁCULOS

Reestabelecidos por Pierre de Coubertin em 1896, além de a sua realização ser mantida em Atenas, os Jogos Olímpicos conservaram a tradição grega de não inclusão das mulheres. Conforme alude Ribeiro *et al.* (2013), apenas quatro anos depois, nos Jogos de Paris, problemas na organização e controle dos inscritos e a desarticulação do Comitê Olímpico Internacional - COI foram fatores que acabaram por “permitir” a entrada de mulheres em algumas modalidades como golfe, vela e tênis, esportes destituídos de contato físico. A partir daí, a cada nova edição, mais modalidades recebiam a participação delas, que foram crescendo em número e em espaço dentro das competições, inicialmente apenas em esportes individuais e, a partir de 1924, adentrando nos esportes de combate através da esgrima (RUBIO, SIMOES, 1999; RIBEIRO *et al.* 2013).

Em 1896, o hipismo já fazia parte do programa olímpico como esporte de demonstração, mas somente em 1912, em Estocolmo, foi incorporado definitivamente aos Jogos (VIEIRA; FREITAS, 2007). Dominado até a década de 40 pela Alemanha nazista em todas as provas, ainda era uma prática essencialmente masculina, tendo os atletas militares nas melhores colocações. Posteriormente, foram os Estados Unidos que começaram a apresentar grandes nomes ao mundo, particularmente após a criação de uma escola própria que, no início de suas atividades, atendeu majoritariamente a militares.

Sobre essa militarização inicial, Goellner (2005) comenta que o cavalo sempre foi uma paixão antiga da oligarquia, identificada com a elegância das elites europeias. Isso porque o custo elevado de manutenção do animal o afastava da população de civis de renda baixa e o tornava quase que exclusivo dos nobres e dos cavaleiros dos exércitos, limitando-se, assim, o acesso às práticas equestres. Para a autora, nas instituições militares, o trato do cavalo era rotineiro e objetivava tornar o desempenho na montaria o melhor possível para atuação em eventuais batalhas, cerimônias e missões.

Voltando nossos olhares para as ferraduras, botas, e longas madeixas, Rojo (2007c) elucida que a presença feminina no hipismo brasileiro é registrada desde meados do século XX, com Candinha Prates, filha do primeiro presidente da Sociedade Hípica Paulista. Ela



partilhou de um reduto majoritariamente militar e, portanto, masculino, nunca chegando a integrar a equipe olímpica brasileira de hipismo, que estreou nos Jogos Olímpicos em 1948, em Londres. Esse quadro só começa a mudar a partir da década de 60, na qual gradativamente os civis adentram o universo hípico, estando nesse estrato incluídas as mulheres.

Segundo informações do COI, a estreia feminina no hipismo olímpico só ocorreu em 1952, com Ida Von Nagel, da Alemanha, conquistando a medalha de bronze no Adestramento por Equipes e Lis Hartel, da Dinamarca, ficando em segundo no Adestramento Individual. Esta última, superando todas as dificuldades impostas pela poliomielite contraída aos 23 anos, não abandonou as pistas e, aos 31 anos, representou seu país nas Olimpíadas, mesmo tendo de ser assistida para montar a cavalo.

Em 1956, nas Olimpíadas de Melbourne, a inglesa Patricia Rosemary Smythe ficou com o bronze nos Saltos. Neste mesmo ano, os EUA inovaram ao apresentar uma equipe totalmente feminina no Adestramento, terminando com a segunda colocação geral da categoria. Liselott Linsenhoff, que integrou a equipe norte-americana, conquistou ainda o terceiro lugar no Individual, perdendo para a dinamarquesa Lis Hartel, segunda colocada.

Em 1964, outra dinamarquesa, Marianne Gossweiler, ficou com a prata no Adestramento por Equipes, mas não repetiu o feito em 1968, perdendo para a equipe da URSS de Elena Petushkova, que levou a prata. A francesa Janou Lefevre e a inglesa Marion Janice Coakes incrementaram o quadro de medalhas femininas nos Saltos angariando, respectivamente, duas pratas nos Saltos por Equipes (1964 e 1968) e uma prata no Salto Individual (1968). A partir daí, gradualmente, as participações femininas só aumentaram, sobretudo, no Adestramento.

O resultado preliminar da análise das participações femininas de 1952 a 1968 já nos permite atentar que as mulheres, apesar de sua inserção tardia, sobressaíram na modalidade Adestramento. Em meados da década de 50, a presença de duas amazonas entre os três primeiros colocados no Adestramento Individual causou receio nos cavaleiros, que temiam que as mulheres, há pouco ingressas no esporte, sobressaíssem e arrebatassem sua hegemonia. Segundo a atleta Pat Smythe, em seu livro autobiográfico citado por Rojo (2008), eles chegaram a propor e introduzir competições exclusivas para senhoras, como forma de proteger seus próprios campeonatos.

Nos Saltos, além da menor quantidade de participantes, elas obtiveram menor quantidade de medalhas olímpicas. Outro fato curioso é que, durante o período elencado,

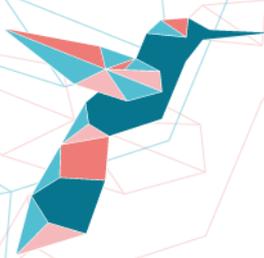


inexistiram conquistas femininas no Concurso Completo de Equitação - CCE, justamente na modalidade que apresenta risco de queda e de lesões permanentes superior às demais. Entretanto, afirmar que o perigo de uma modalidade é o fator de maior peso para o afastamento das mulheres de sua prática é asseverar que estão mais dispostas a sofrer os danos recorrentes dos esportes do que os homens, ou que elas são mais temerosas do que eles, e estaríamos indo ao encontro dos estereótipos e dos preconceitos já ultrapassados envolvendo a participação feminina nas atividades corporais.

### ESSAS MULHERES... ESSES CAVALOS... POR TRÁS DAS COCHEIRAS

Apesar de não ter realizado uma pesquisa de campo, Rojo (2007a, 2007b, 2007c, 2008, 2010, 2011), Adelman (2003, 2006, 2011) Adelman e Moraes (2008), Pereira e Mazo (2010) e Pereira, Silva e Mazo (2011) apresentam uma gama de interpretações iniciais que poderão vir a delinear os caminhos a serem perseguidos em iniciativas próximas.

As principais inferências em torno dos dados dessas pesquisas apontam para uma hierarquização das modalidades hípcas. O Salto, além de ter um público espectador maior, é descrito como uma atividade que demanda coragem e raça. Já o Adestramento, considerado por alguns atletas como a essência da equitação e, por outros, “coisa de fresco” (Rojo, 2007a) ou “a irmã puta” dos Saltos (Rojo, 2008; 2010), é descrito por sua plasticidade e harmonia entre o cavalo e o cavaleiro/a amazona, sendo necessária a sensibilidade do atleta para sentir o animal e fazê-lo mostrar toda a sua elegância. A indistinção de categorias por sexo não conseguiu eximir o hipismo das desigualdades de gênero, tendo no elemento emoção um forte marcador das identidades masculinas e femininas. Há a presunção, por parte dos atletas, de que “os homens são naturalmente mais corajosos” e “as mulheres são naturalmente mais sensíveis” (ROJO, 2007a, p. 83), ficando clara uma hierarquização das modalidades segundo o sexo: Saltos para rapazes e Adestramento para moças. No entanto, a presença de feminilidades e masculinidades “outras” repaginam a conformação dos gêneros no Hipismo, através da presença de mulheres corajosas e homens sensíveis, dissidentes do estereótipo de masculino e feminino que a sociedade híptica tem para esses atletas. Aqui, trazemos à tona o conceito de citacionalidade, no qual tais homens e mulheres mudam a forma de repetir um preceito social: uma característica emocional culturalmente imposta a determinado sexo, tornando-o mais apto a certas práticas, acabou sendo desconstruída e reconstruída em um



corpo diferente do “original”. A este fenômeno poderíamos aplicar a teoria de uma “emotividade citacional”.

Rojo (2007b), debruçando-se sobre os estudos de Gallissot (1987) e Vale de Almeida (1995), em uma interessante comparação entre o contexto hípico uruguaio e o carioca, elucida que não há uma identidade feminina homogênea e universalizada para o grupo social hípico. Essas identidades pertencem a um contexto social maior, no qual determinado grupo hípico está inserido, só sendo percebida e entendida quando olhamos para essa sociedade de modo geral e percebemos suas intrínsecas relações de poder. Dessa forma, Rojo (2007b) pôde perceber que as mulheres em Montevideu, devido a sua educação para a domesticidade, abandonam totalmente o universo hípico quando se deparam com o casamento e a maternidade, não havendo dissidências nesse comportamento. Vale salientar que esse êxodo feminino não ocorreu somente no hipismo. O mesmo se deu em vários outros esportes.

No âmbito social brasileiro, Adelman (2006) verifica que, nos Saltos, à medida que a altura dos obstáculos aumenta, diminui-se a quantidade de mulheres competindo, pois muitas abandonam o esporte para dedicarem-se à maternidade, da qual não abrem mão, apesar do contragosto em abandonar seus projetos esportivos profissionais. Essa evasão feminina é explicada pelo aconselhamento da medicina de cessar as atividades equestres durante a gravidez, devido ao alto risco de quedas. Sabendo que as categorias dessa modalidade são uma combinação entre idade dos atletas e altura dos obstáculos, a opção por constituir uma família dificulta o acesso e/ou permanência das mulheres nas categorias elevadas. Entretanto, Rojo (2007b) constatou a existência de mulheres que renunciam à maternidade para desfrutar das glórias do esporte sem impedimentos, enquanto outras ainda “dão um jeitinho”, coincidindo a gravidez com o calendário de competições.

Rojo (2007c) identifica ainda que a postura dos treinadores por modalidade no ambiente competitivo também diverge. A competitividade aflorada influencia no tratamento destinado pelo treinador de Saltos aos atletas, sejam estes homens sejam mulheres, estando mais próximos dos estereótipos masculinos: dirigem-se aos atletas utilizando postura de desqualificação quando erram ou adotam uma postura grosseira ou rude quando desacatam uma instrução. O oposto ocorre quando se trata da relação treinador-atleta da modalidade Adestramento: por ser uma modalidade menos dinâmica e que demanda concentração por parte do atleta, o tom das conversas é mais suave e baixo (ROJO, 2007c).



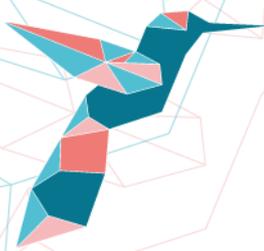
Com relação à competitividade, ao possibilitar a rixa entre adversários de sexos diferentes, o hipismo afigura-se como um espaço em que os homens de fato provam e põem à prova sua masculinidade. Eles enaltecem-se por terem a coragem de se lançar a alturas maiores nos obstáculos, de forma que a derrota para uma mulher nos Saltos constituiria um vexame, vergonha e desonra para o homem. Isso já caracteriza a modalidade como um reduto de sobrevalorização masculina e subjugação feminina, as quais vêm sendo historicamente perpetuadas. Basta atentarmos para as composições e conquistas mais recentes da equipe olímpica brasileira: em 1996 e 2000, conquistou o terceiro lugar nos Saltos por equipe, e em 2004, com Rodrigo Pessoa, o Brasil ficou com a primeira colocação no Individual. No contexto equestre brasileiro, mulheres nunca ganharam medalhas olímpicas (COI, 2013).

Entrementes, há uma hierarquização das conquistas segundo o gênero. Nos Saltos, vencer a mulher torna-se uma necessidade, devido às características masculinizadas da modalidade. O Adestramento já aparece para as mulheres, majoritárias nas provas, como uma forma de obtenção de espaço e prestígio no esporte. Portanto, não é qualquer vitória que interessa ao homem, uma vez que a imposição da virilidade se dá pela vitória sobre a mulher e outros homens em seu território de domínio: o terreno da masculinidade. Destarte, o reconhecimento esportivo feminino se dá pela vitória apenas onde lhe é cabida, a fim de não pôr em xeque a feminilidade da atleta.

O estudo de Adelman (2011) demonstrou que, cada vez, mais mulheres estão requerendo seu espaço nas hípicas. Hoje já comparecem em iguais proporções frente aos homens no hipismo de Salto, a despeito do privilégio conferido a estes, do universo de homossociabilidade masculina das hípicas e de sua associação com as atividades militares de outrora. A diminuição do quantitativo fardado em competições equestres também é relatada por Adelman (2011) e refletida na redução do domínio militar nesse esporte. Assim como a militarização do hipismo foi uma questão histórica, a masculinização dos Saltos também se afigura como uma questão de tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferimos que mulheres e cavalos já foram, e ainda são, objetos de desejo de alguns homens. Em várias sociedades e culturas, antigas e atuais, ser proprietário de cavalos é indicativo de riqueza. Domesticar e dominar um animal como este concede poder a quem o monta, ainda que um poder ideológico. Até hoje, há homens que praticam e admiram as



práticas equestres não por gostarem de cavalos, mas por apreciarem a demonstração pública de coragem, força e altivez que é fazer obedecer a um cavalo, sendo essa a identidade de gênero hegemonicamente aceita para eles. Porém, mais do que à própria identidade de gênero, esses atributos estão relacionados ao que Connell (1995) chama de masculinidade hegemônica. Vencer uma prova hípica é, nessa esteira, a expressão máxima de sua superioridade e autoexaltação, tanto frente às mulheres quanto a outros homens.

Os autores Curado e Curado (2005) delatam o significado simbólico do cavalo, o qual, para homens, é considerado signo da potência e do desempenho sexual e, para as mulheres, interpretado como manifestação de seu desejo sexual ou libido hiperativa. Dessa forma, consideramos que, para o grupo social hípico, a mulher a cavalo figura como um elemento atrativo e erótico, um alvo a ser conquistado pelo masculino; já o homem a cavalo apresenta-se como dotado de poder e dominância, para além de ser um objeto de desejo do feminino. Tais símbolos culturais são tão marcantes que se personificam nos centros e nas provas hípicas através das festas, coquetéis e churrascos de fim de semana, frequentados não só pelos atletas e instrutores, como também por suas famílias que, na grande maioria das vezes, se constituem em torno do cavalo. Logo, é provável que aquele significado ligado ao animal performatize de fato as configurações de gênero e família presentes nesses ambientes, ainda ancoradas na heteronormatividade e na correlação articulada e entrecruzada de sexo e gênero.

Neste ínterim, as marcas do “crime” delatado por Curado e Curado (2005) no que diz respeito à sexualidade permanecem fortes no ideário de cavaleiros e amazonas. Marcas de uma sexualidade aflorada, voluptuosa, lasciva, tanto em se tratando de homens quanto de mulheres, que encontram no cavalo seu confidente mais fiel. Tal consenso aparece no extremamente tradicional grupo hípico como uma característica mais demeritória para elas do que para eles. Enquanto cavaleiros que assim procedem são chamados de “machos” e “homens de verdade”, aquelas que constroem a sua sexualidade desta forma são consideradas “assanhadas”, “libertinas” ou, até mesmo, “putas”, indo ao encontro de uma performance de gênero mais alinhada aos preceitos da masculinidade.

Para além desses signos, os desafios e riscos impostos pela modalidade fazem a imagem convencional de sexo frágil atrelada ao feminino passar longe da mulher amazona, fazendo-nos depreender que esta é uma identidade de gênero que, apesar de não ser fixa e não caracterizar todas as praticantes, distancia-se da feminilidade enfatizada.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Mas, quem disse que só são sensuais as mulheres que se enquadram no padrão enfatizado? O erotismo ao corpo feminino a cavalo, ainda que não perpetuado pela mídia, é de conhecimento do grupo social hípico, embora seu conceito divirja de acordo com o contexto societário. Tal consideração é elucidada ao trazermos à tona o motivo que afastava as mulheres das práticas equestres no início do século XX: quando não pertencentes às famílias nobres, para quem as práticas equestres eram comuns nos momentos de lazer, aquelas que demonstrassem apreço por montar eram vistas como prostitutas.

Por fim, constatamos que o cavalo não apenas serve como elemento diferenciador das relações entre homens e mulheres, como também de inúmeras identidades de gênero inseridas nas práticas equestres, a saber o Salto, o Adestramento e o Concurso Completo de Equitação. O hipismo, ainda que se exima formalmente da reprodução de diferenças entre os sexos, atua na (re)construção de novas relações e desigualdades de gêneros.

#### COURAGEOUS, MUSES, AMAZONS: A CRITICAL REVIEW ON WOMEN IN EQUESTRIANISM ABSTRACT

##### ABSTRACT

*This critical review aims to reflect, from the perspective of socio-anthropological dimensions and gender relations, the insertion and the woman's permanence in equestrianism, initiating a discussion centered on the social construction of femininity within an elitist sport and little explored by the body practices domain.*

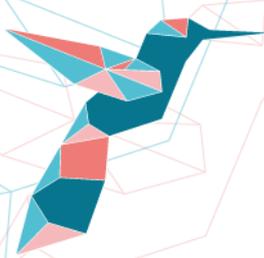
**KEYWORDS:** *Equestrianism; Women; Gender.*

#### VALIENTES, MUSAS, AMAZONAS: UNA REVISIÓN CRÍTICA SOBRE LA MUJER EN LA EQUITACIÓN

##### RESUMEN

*Esta revisión crítica pretende reflejar, desde la perspectiva de las dimensiones socio-antropológicas y las relaciones de género, la inserción y la permanencia de la mujer en el deporte ecuestre, iniciando una discusión centrada en la construcción social de la feminidad en un deporte elitista y poco estudiado por el campo de las prácticas corporales.*

**PALABRAS CLAVE:** *Equitación; Mujeres; Género.*



## REFERÊNCIAS

ADLEMAN, Mirian. Mulheres atletas: transformações da corporeidade feminina? In: Reunião da ANPOCS, 23, 1999. **Anais...** Caxambu, 1999.

\_\_\_\_\_. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.11, n.2, p.445-466, 2003.

\_\_\_\_\_. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v.12, n. 1, p.11-29, 2006.

ADLEMAN, Mirian; M.; [Moraes, F.A.](#) Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.3, p.1-29, 2008.

ADELMAN, Mirian. As mulheres nos esportes equestres: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.19, p.931-953, 2011.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G.L. (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2º.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

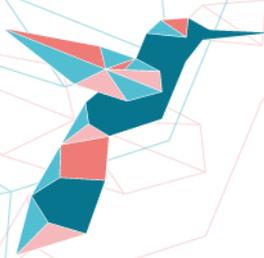
COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. [Olympic.org](http://www.olympic.org): Official website of the Olympic Movement. Sports. Equestrian. Event Results: Dressage; Eventing; and Jumping. Disponível em: < <http://www.olympic.org/>>. Acesso em: 20 Jun. 2013.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.184-206, jul./dez, 1995.

CURADO, M.; CURADO, A.L. O cavalo e a jovem rapariga. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 2005. **A Antiguidade Clássica e Nós: Herança e identidade Cultural**. [Braga : Instituto de Letras e Ciências da Universidade do Minho, 2005?]. Disponível

em: <  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/xmlui/bitstream/handle/1822/6772/Conferencia%20CAV%20ALO%20JOVEM%20RAPARIGA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 Jan. 2014.

GOELLNER, S.V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.8, n.1, 2005, p.85-100.



MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. *In: DA COSTA, L.P., TURINI, M. Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v.1.

\_\_\_\_\_. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. *In: RUBIO, Katia. Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.229-231.

PEREIRA, E.L.; MAZO, J. Z. Salto alto e botas: representações das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre/RS produzidas pela Revista do Globo (1929-1967). *In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Santa Catarina, UFSC, 2010. p. 1-10.

PEREIRA, E.L.; SILVA, C.F.; MAZO, J.Z. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.2, p.292-302, 2011.

RIBEIRO, B.Z. *et al.* Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires, Año 18, Nº 179, Abril de 2013.

ROJO, L.F. Igualdade de sexo e desigualdade de gênero: relações entre homens e mulheres no hipismo. *Omertaa* (Kessel-Lo), Lovaina, Bélgica, v. 2, p.2, 2007a.

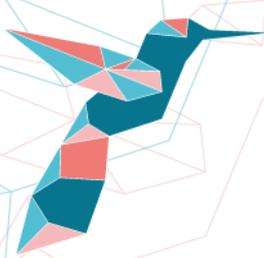
\_\_\_\_\_. Relações de gênero no hipismo: um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevidéu. Artigo elaborado a partir da **Exposição no curso de Antropologia**. Universidad de La República. Montevidéu. 2007b. Disponível em: <  
[http://www.unesco.org.uy/shs/es/areas-de-trabajo/ciencias-sociales/publicaciones/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo\\_12.pdf](http://www.unesco.org.uy/shs/es/areas-de-trabajo/ciencias-sociales/publicaciones/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo_12.pdf)>.

Acesso em: 22 Out. 2013.

\_\_\_\_\_. Identidades de gênero: o hipismo e os discursos sobre igualdade sexual no esporte. *In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2007. Anais...* Porto Alegre: RAM, 2007c .v.1, p.1.

\_\_\_\_\_. Masculinidades no contexto hípico uruguaio. *In: ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DEPORTE, 1., 2008. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas*. Curitiba, 2008. p. 1-9.

\_\_\_\_\_. Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Rio de Janeiro. *Vibrant*, Florianópolis, v.6, p.50-71, 2010.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

- \_\_\_\_\_. A produção do gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções. In: COELHO, Maria Cláudia; REZENDE, Claudia Barcellos. (Org.). **Cultura e sentimentos: ensaios em Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. v.1, p.7-219.
- RUBIO, K.; SIMOES, A.C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, ano 5, nº11, 1999.
- SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C.B. (Orgs.) **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR. 2002. p.254.
- SEFFNER, F. **Derivas da Masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Porto Alegre, 2003, 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SOUZA, I.S.F. de. **O mito das Amazonas**: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade. Maringá, 2012, 123f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá, 2012.
- VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando Freitas. **O que é hipismo**: História, regras, curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.